

# A CIDADE POR INTERMITÊNCIA: DO TEMPO DA FESTA A UM URBANISMO DOS TEMPOS<sup>1</sup>

LUC GWIAZDZINSKI

Université Joseph Fourier (Grenoble 1)

luc.gwiazdzinski@ujf-grenoble.fr

A cidade e a festa? O escritor Georges Perec (1974) há muito tempo advertiu-nos sobre o primeiro termo: “Não tentar encontrar tão rapidamente uma definição da cidade; é muita coisa, tem-se todas as chances de equívoco”. Contrariamente, segundo o filósofo Thierry Paquot, a palavra festa não possuiria problema. As definições clássicas mostram que a festa – do latim popular *festa*, do latim clássico *festus* – ainda é marcada pelo calendário religioso: “solenidade religiosa ou cerimônia comemorativa, dia consagrado à memória de um santo considerado como padroeiro de um país, de um grupo, de uma profissão ou de uma pessoa” (LAROUSSE, 2011). Com a multiplicação de festivais e outras festividades coletivas, a festa tornou-se efetivamente laica e mercantilizada. As festas agrupam “as celebrações públicas destinadas a comemorar periodicamente um fato memorável, um evento, um herói etc.”. Em todos os casos, trata-se de uma celebração em honra de algo ou alguém. Melhor ainda, a palavra festa é utilizada para evocar uma parte de prazer (“noite de prazer”) ou qualquer causa de grande prazer. Calendário, evento, memória, cerimônia, comemoração, periodicidade, festejo e distração: os principais caracteres da festa são expostos. Os principais elementos de dificuldade também: articulação entre religioso e laico, culto e mercantilização, prazer pessoal e prazer coletivo, evento e vida quotidiana, exceção e periodicidade, extraordinário e ordinário, organização e espontaneidade, deleite e solenidade, grupo e indivíduo, “eu” e “nós”, passado e presente, memórias e tempos, espaço e tempo.

---

<sup>1</sup> Traduzido do francês por Igor Catalão. Revisão da tradução: Paul Claval.

Com *Paris est une fête* [Paris é uma festa] (HEMINGWAY, 1964), o romancista americano, como tantos outros artistas, já tinha celebrado o compromisso da cidade com a festa, do espaço com o tempo. Por outro lado e com poucas exceções (DI MÉO, 2001), a festa foi, por muito tempo, ignorada pelos geógrafos, que naturalmente privilegiaram o espaço em detrimento do tempo e a “temporalidade habitual” (CLAVAL, 2010) em detrimento do excepcional, do temporário, do extraordinário, do parêntese, da descontinuidade ou da ruptura. Mas o espaço reúne-se com o tempo. Após os trabalhos pioneiros da *Time Geography* dos anos 1960, redescobre-se pouco a pouco que a cidade não é uma entidade unidimensional e estanque, que ela evolui no tempo e no espaço segundo ritmos quotidianos, semanais, mensais, sazonais, seculares, mas também em função de acidentes e de eventos (GWIAZDZINSKI, 2001), festivos ou não.

Se os geógrafos se interessam, pois, pelas relações entre a cidade e a festa, estas relações não são novas. Paradas, carnavais, desfiles, feiras ou bailes: a festa e as festividades sempre fizeram parte de nossas práticas sociais, transformando o espaço em algumas horas ou alguns dias, as ruas e praças de nossas cidades e vilarejos da Europa e de outros lugares. A mesma cidade e, entretanto, uma outra (GWIAZDZINSKI, 2005).

Apoiando-nos principalmente em pesquisas realizadas há uma quinzena de anos na Europa sobre a cidade em contínuo, os tempos sociais e as mobilidades (GWIAZDZINSKI, 1998, 2001, 2002, 2003, 2004, 2007, 2010), apresentaremos uma primeira leitura espaciotemporal da relação entre a cidade e a festa. Interpelaremos a figura da cidade pós-moderna na qual os grandes ritmos coletivos parecem ter vivido e onde a festa, espaço-tempo efêmero e cíclico, toma um papel central e permite imaginar outra abordagem da cidade, da geografia e do urbanismo. Após uma primeira descrição das temporalidades e dos espaços desses eventos festivos, formularemos algumas hipóteses contextuais sobre as razões desse desenvolvimento e desdobramento rápido. Tentaremos compreender o que o evento festivo, pensado como plataforma de inovação aberta, traz para a cidade e seus usuários. Formularemos algumas pistas de transferência e proporemos a ampliação do objetivo para passar, indo desse espaço-tempo particular a um novo urbanismo dos tempos e dos sentidos.

## UM DESENVOLVIMENTO DA CIDADE FESTIVA E EVENTUAL

Nos últimos vinte anos, o número de eventos festivos urbanos tem aumentado. O movimento parece acelerar-se, generalizar-se no âmbito da sociedade do espetáculo (DEBORD, 1967), da “transformação turística” de nossos territórios com objetivos políticos, econômicos e sociais entrecruzados. As cidades abrem-se cada vez mais ao espetáculo (GWIAZDZINSKI, 2002) e os espetáculos invadem as cenas urbanas e metropolitanas. As festas aparecem em todas as escalas e todos os temas num sistema de rápida rotatividade.

Os eventos festivos públicos, entre os quais ressaltam principalmente as festas e os festivais, multiplicam-se [...]. Num momento, assistimos à transformação mais ou menos radical de festas antigas; noutra, são manifestações totalmente novas que veem o dia (DI MÉO, 2005).

Os calendários de nossas “estações urbanas” preenchem-se de “eventos” – definidos como “o que se produz” –, festas e festivais, novos ritos que celebram, ao mesmo tempo, a memória, a identidade e o renovado pertencimento à cidade (GWIAZDZINSKI, 2007). A cidade eventual, efêmera e festiva triunfa e se desdobra: “*Nuits Blanches*”, “*Marchés de Noël*”, “*Plages d’été*”, “*Fête des voisins*”, “*Fête de la musique*”, “*Fête du cinéma*”, “*Nuit des musées*” (Munique...), como tantos logotipos, rótulos, organizações e materiais que se divulgam na Europa e no mundo. O fenômeno de patrimonialização do espaço concerne, doravante, aos tempos e períodos do ano, da semana ou do dia. Inverno, verão, noite, *soirées* e, em breve, manhãs, meio-dia às duas e cinco às sete são identificados, separados, “designados” sob a forma de eventos festivos particulares pelas coletividades locais e as empresas numa lógica de coesão social e desenvolvimento. É necessário notar o papel particular do período noturno nesses eventos festivos que vão da “Noite das artes” em Helsínquia às “Noites de vôlei” ou aos “Mercados noturnos” de nossos campos e cidades.

O evento festivo atrai, na noite, recursos e valores particulares de criação, transgressão e encantamento (GWIAZDZINSKI, 1998). Entre liberdade e insegurança, encantamento e manipulação consentida, a noite, “última fronteira” da cidade, espaço-tempo vivido efêmero e cíclico, oferece um recipiente e um material particular à festa e à figura da “cidade da diversão”, cidade do sentido, do sensacional e do sensível (LE FLOCH, GWIAZDZINSKI, 2006). A importância do “instante obscuro” na festa e na vida quotidiana contribui para o equilíbrio geral da sociedade (MAFFESOLI, 1985). “A noite é mágica”.

## CONDIÇÕES FAVORÁVEIS

É possível aventar algumas hipóteses sobre os motores do desenvolvimento rápido dos eventos festivos urbanos.

Num contexto de concorrência territorial exacerbada, em que cada um busca existir, o evento festivo extraordinário faz parte das ferramentas de *marketing* urbano, termo “que designa todas as práticas de comunicação territorial que consistem em apoiar-se em matérias espaciais existentes ou em construção com vistas a promovê-las, fazê-las existir, torná-las atraentes e incitar à sua prática, a investir aí o seu tempo, seus lazes ou seu capital” (DUMONT, DEVISME, 2006). É um elemento e um suporte das políticas de atratividade e de competitividade que permitem aos territórios reluzir nos mapas da Europa e do mundo. Para isso, o evento festivo é sustentado ou encorajado pelas coletividades. Ele faz parte, igualmente, das novas dinâmicas urbanas e das estratégias de reforço das centralidades desenvolvidas pelos atores locais. Os eventos festivos são utilizados como ferramentas leves nos processos atuais de revalorização dos centros urbanos, de *marketing* e reforço da atratividade (GWIAZDZINSKI, 2005; CHAUDOIR, 2007), ao lado de outras ações mais pesadas na materialidade urbana, como a patrimonialização ou a arquitetura icônica, segundo a bela expressão de Maria Gravari-Barbas (2010).

Em todos os lugares, os eleitos redobram esforços para atrair visitantes, aumentar a participação dos habitantes na vida cultural, mas também, e sobretudo, reforçar o sentimento de pertencimento, o orgulho da cidade e dos habitantes e modificar a imagem de sua cidade.

Os eventos festivos participam, de igual modo, da nova *doxa*<sup>2</sup> sobre a cidade criativa. Por sua capacidade em federar as energias, cruzar competências e mobilizar as classes criativas (FLORIDA, 2002), a festa, o evento festivo, pode aparecer como um dos motores dessa cidade criativa, uma ferramenta facilmente mobilizável pelos atores locais.

Os eventos festivos podem também apoiar-se numa necessidade e demanda de sensibilidade, de arte e de artistas, que se expressa em numerosos domínios, mas também num forte desenvolvimento de um turismo urbano em plena redefinição (LEFORT, 2010).

As festas respondem a uma necessidade de encontro nas grandes metrópoles pós-modernas, nas quais os grandes ritmos coletivos que enredavam a

<sup>2</sup> Conjunto de opiniões normalmente aceitas numa dada sociedade. (N. T.)

vida social desapareceram. O trabalho não sincroniza mais a vida da cidade, assim como tampouco o faz o “8h-meio-dia, 14h-18h”, que organizava a vida pessoal e coletiva (GWIAZDZINSKI, 2002). Vivemos, às vezes, nas mesmas aglomerações, trabalhamos talvez nas mesmas empresas, habitamos os mesmos apartamentos e fazemos, algumas vezes, parte das mesmas famílias, porém nos cruzamos muito pouco por não termos os mesmos horários (GWIAZDZINSKI, 1997b). À concomitância dos espaços e tempos sucedeu-se uma explosão conjugada a uma nova temporalidade. Cada um utiliza diferentemente seu tempo segundo o momento do dia, da semana ou do ano (BONFIGLIOLI, 1997; GWIAZDZINSKI, 1998). Diante dessa explosão do tempo, dos territórios e das mobilidades, somente a multiplicação de eventos, regulares ou não, de concertos, manifestações esportivas ou festivais permite a toda a cidade ou parte dela encontrar-se e manter uma ilusão de elo social (GWIAZDZINSKI, 2002), reinventar um “nós”, tempo e lugar de um coletivo frequentemente compartilhado com outros vindos de outros lugares. A festa, tempo de copresença, é também um tempo-chave a partir do qual se reconstrói um momento coletivo para os amigos, a família ou a coletividade mais vasta: cidade, *bassin de vie*, região.

A festa responde a uma necessidade de respirar, de fazer uma pausa para relaxar numa sociedade urbana em que um terço das pessoas diz não mais administrar seu tempo. Passamos dum mundo centrado na organização do tempo de trabalho a uma sociedade hipermoderna (LIPOVETSKY, 2004), marcada pela explosão dos tempos sociais, pelo desenvolvimento de temporalidades heterogêneas que se acompanham de oportunidades, mas também de novas tensões. Unificados pela informação, os homens, todavia, nunca viveram temporalidades tão deslocadas. Confrontados com essa dessincronização, divididos entre os *status* de consumidores, assalariados, pais e cidadãos, nossos usos do tempo ruem e saltamos de um bairro a outro da cidade explodida (GWIAZDZINSKI, 2002b) para tentar conservar o elo. Os homens, as organizações e os territórios estão sob tensão. A festa, o evento festivo aparece para eles como um remédio, uma resposta a essa explosão e às tensões geradas por estarem sob pressão. Ela pode, do mesmo modo, aparecer como o espaço-tempo do real em relação ao virtual. O tempo, ou antes sua gestão, não é mais somente uma questão filosófica, mas um problema concreto que alimenta as conversas da vida cotidiana: “tudo acontece muito rapidamente e se acelera”, “a gente

não tem mais tempo para se ver” (...). Novas relações de tempo (instantaneidade, imediatismo, urgência...) desenham-se. Novas relações com os outros esboçam-se em diferentes escalas com uma generalização de relações flexíveis e efêmeras e a dificuldade de viver valores de longo prazo numa sociedade do imediatismo.

A festa responde, de igual modo, a uma forte necessidade de segurança e tranquilização. O evento festivo inscreve-se num calendário, torna-se um rito, serve de “marcador urbano” – equivalente no tempo daquilo que representa a casa no espaço – e participa, pouco a pouco, da assinatura da cidade, sua cor. Em um mundo de incerteza, é uma figura estável, uma âncora possível para pensar a relação com os outros e com o mundo. A festa permite “fazer cidade”, “família” ou “território”. Melhor que isso, ela “contribui para fabricar uma ideologia territorial localizada ou regionalizada, às vezes nacional” (DI MÉO, 2005).

Pode-se ainda evocar a busca de prazer e satisfação. O fenômeno festivo contemporâneo traduz o estado atual do âmbito societal em que não há mais história, progresso, constrangimentos, morais em particular, cultura e na qual a palavra de ordem é “desfrutar de desfrutar” no seio de uma festa permanente (MURAY, 2005).

O evento festivo extraordinário oferece a possibilidade de uma cidade, a ocasião de uma reunião fecunda cujos efeitos são visíveis.

## EFEITOS MÚLTIPLOS

O evento festivo extraordinário é uma promessa feita aos habitantes para responder a seus anseios de encontro, liberdade, descontração, descoberta, deslumbramento, surpresa e novidade. Mesmo violada e não mantida, essa promessa de cidade tem efeitos sobre a própria cidade e sua população. Além das formas dos eventos festivos urbanos extraordinários, pode-se perceber um certo número de impactos. Mesmo imposta e irregular, a festa perturba os ritmos quotidianos, aglomera e fabrica o coletivo, cria comunidades temporárias que se apagam ou perduram. Ela metamorfoseia e encanta o espaço público. *Love parade*, Noite branca de Roma, *Festival des arts de la rue de Châlons*, *Fête des lumières* de Lyon ou *Paris Plage*, a festa convida-se para transfigurar a cidade, de dia como de noite, no verão como no inverno. Acometendo um espaço ou percorrendo a cidade, a festa transforma, encanta o quotidiano e transfigura o

real. A cidade maquia-se e faz-se bela para receber. A festa humaniza o espaço público que ela povoa; equipa-o, por vezes, de comodidades e conforto que favorecem uma nova urbanidade. A festa cria outra cidade, fabrica a decalagem e engendra uma forma de exotismo de proximidade. O ambiente urbano é modificado. A geografia é transformada através da mudança das centralidades e intensidades. A cidade funcional e técnica parece ter feito as malas ou, em todo caso, ela está alhures. A circulação é limitada. A festa transfigura e encanta. Quando ocorre à noite, ela recoloca continuidade num arquipélago noturno marcado pelas descontinuidades (GWIAZDZINSKI, 2000). A festa revela a cidade a seus habitantes e visitantes. A cidade mostra-se num novo dia. Melhor que isso, o participante descobre a cidade, sua cidade em suas dobras e cantos mais recuados. Com surpresa, ele descobre nela qualidades desconhecidas, sobretudo numa *soirée* ou à noite. Ao apropriar-se dos espaços marginais, a festa designa e qualifica os espaços segundo um grau de intensidade que depende, com frequência, do grau de repetição do evento. Ela inventa lugares onde não havia. A festa faz apelo aos sentidos. Ela é música, luz, odores e carnes. É, ao mesmo tempo, uma recriação e uma re-criação permanente, segundo a expressão de R. Lajarge (2006). Ela retrata, editora, compõe uma história, conta outra sobre a cidade ou o bairro. Ela deixa traços, marca os espíritos e delimita nossos calendários pessoais e coletivos. Bem sucedida, ela permanece por muito tempo nas memórias da cidade, de seus habitantes e visitantes. Ela marca os espíritos e deixa, às vezes, um traço. A Festa das luzes em Turim permite, a cada ano, acrescentar um elemento de iluminação perene à cidade. O *Réveillon des boullons* de Montbéliard dá uma imagem simultaneamente convivial e dinâmica a uma área urbana pouco conhecida. Ao inverter as polaridades, outras festas às vezes dão, à fábrica urbana, o desejo de outros lugares e esta fábrica investe, em seguida, os espaços designados.

De modo mais amplo, pode-se perguntar se a cidade não se torna uma festa de diversões comum. Em se tratando do setor de urbanismo, turismo, *marketing* urbano, transportes... a veia de diversão desemboca na produção da cidade de hoje: arquitetura efêmera, serviços públicos itinerantes, caminhos de pedestres de grande rapidez, noites brancas (LE FLOCH, GWIAZDZINSKI, 2006). A convocação dos sentidos, das sensações e do lúdico torna-se um valor acrescentado à fabricação da cidade, trabalho para o qual os artistas estão, doravante, convidados.

## FORMAS DIVERSAS E VARIADAS

A geografia festiva tem suas particularidades, suas razões e seus territórios que podemos tentar apreender. O evento festivo urbano extraordinário é um objeto híbrido e fractal que se estende a todas as escalas com certo número de caracteres comuns que o distingue de outros encontros e eventos quotidianos. Ele é coletivo, público, misto, sincronizador, estabelece múltiplas parcerias, tem múltiplas origens, é identitário, laico, mercantilizado, podador e alternativo, excepcional, periódico, efêmero, cíclico, global, multiescalar, alegre, lúdico e recreativo, charlatão, artístico e cultural, multissensorial, intenso, trabalhoso, mediatizado, organizado, profissionalizado e irradiador:

- Coletivo. O encontro é naturalmente um dos principais objetivos organizadores da copresença;
- Público. É a essência mesma desses eventos de agrupamento;
- Misto. A natureza desses eventos festivos urbanos é diversa, misturando frequentemente atividades artísticas, culturais, esportivas e festivas;
- Sincronizador. Ele propõe à população daqui e de outros lugares “fazer cidade”, “território”, “sociedade” e “família” num espaço preciso, durante um tempo limitado e sobre um tema particular;
- Em múltiplas parcerias. O iniciador desses eventos é múltiplo (coletividades, empresas, associações...), assim como o *portage*, nascido da vontade dos atores locais ou proposto de cima;
- De múltiplas origens. O ponto de partida funda-se, com frequência, no passado e na tradição (*Fête des lumières* de Lyon), mas pode também apoiar-se em tecnologias, no digital e na prospectiva (*Nuits savoureuses* de Bolfort...);
- Identitário. Eles celebram, ao mesmo tempo, a memória, a identidade e o renovado pertencimento à cidade;
- Laico. A maior parte desses eventos festivos são laicos, mesmo sendo possível se oporem as grandes reuniões da Igreja católica, como as jornadas mundiais da juventude, ou os agrupamentos festivos do fim do jejum muçulmano;
- Mercantilizado. A dimensão econômica é onipresente. O espaço e o tempo do evento são transformados em produto. Essa dimensão está, às vezes, diretamente presente desde o lançamento: da Exposição Universal aos mercados de pulgas, passando pelas feiras e mercados de Natal. A mercantilização intervém igualmente, de modo indireto, na construção mercadológica e turís-



tica do evento e em seu posicionamento num ambiente concorrencial. Ela está presente, enfim, no serviço pós-venda;

– Podador e alternativo. É um tempo de parada, uma ruptura, uma descontinuidade excepcional que permite engrossar o presente. Não há vida sem ritmo. Mesmo Deus parou no sétimo dia;

– Excepcional. O evento deve conservar esse caractere, sem o qual ele se banaliza e desaparece;

– Extraordinário. Ele tira o participante e a cidade da banalidade do quotidiano por meio de uma *mise en scène*, uma paisagem física, sonora e olfativa particular, com tamanhos e formas excepcionais;

– Periódico. Os momentos privilegiados para a realização desses eventos festivos são os períodos de férias, o verão e as festas de fim de ano. A primavera chega com o *Printemps de Bourges*. O verão avança com a *Fête de la musique*. É, em seguida, o tempo dos festivais e da *Paris-plage*. O vazio é claramente visível em outubro-novembro, após o que retornam as iluminações das festas de fim de ano. Noutra escala, as festas desenvolvem-se principalmente no fim de semana;

– Efêmero. A duração do evento varia de algumas horas e uns quinze dias;

– Cíclico. A maior parte desses eventos festivos inscreve-se nos calendários e voltam regularmente ao longo do ano;

– Global. Do vilarejo à metrópole, todos os níveis da organização urbana estão, doravante, preocupados pelo fenômeno;

– Multiescalar. A escala espacial desses eventos é variável, indo da rua (festa de bairro, mercado de pulgas...) à cidade que se torna cena (sons e luzes...);

– Intenso. O evento festivo ordinário concentra geralmente, num espaço e tempo limitados, uma oferta de serviços, emoções, trocas que não se encontram em nenhum lugar na cidade de modo tão condensado;

– Alegre. Espera-se que o evento festivo divirta aquelas e aqueles que dele participam e que estão ali para obter prazer;

– Lúdico e recreativo. Mesmo mínima, a parte dos jogos está presente para dar vontade, tentar os participantes. “Todo jogo supõe a aceitação temporária, senão de uma ilusão [...], ao menos de um universo fechado, convencional e, em certos aspectos, fictício” (CAILLOT, 1967);

– Charlatão. O evento festivo faz sempre em demasia, joga além a fim de garantir a decalagem;

– Artístico. O evento convoca frequentemente a arte e o artista como revelador, mediador e atravessador;

– Multissensorial. O evento é, com frequência, multissensorial, misturando músicas, luzes, cheiros e sabores;

– Trabalhoso. É uma prova que permite habitar, no sentido de existir, isto é, ter a experiência da presença num lugar, um lugar que “nos convida a ser” (MALDINEY, 2007), não um lugar que se pode designar num mapa. É um acontecimento real: esbarra-se nele;

– Midiatizado. O evento apoia-se numa comunicação cada vez mais importante a fim de atrair a população, garantir o sucesso e a perenidade;

– Organizado. O tamanho dos eventos necessita uma pesada organização;

– Profissionalizado. O tempo, a amplitude, a repetição do evento obrigam o investimento de meios importantes e a mobilização de profissionais cada vez mais especializados antes, durante e depois, engendrando o desenvolvimento de uma economia atrelada;

– Irradiador. Cada um desses eventos tem tendência a irradiar-se para além de si mesmo com um impacto variável do vilarejo ao planeta.

Além dos pontos comuns, algumas diferenças operam ao redor de alguns caracteres que participam da definição do evento festivo urbano excepcional:

– Enraizado ou nômade. O evento é frequentemente fixo. Ele inscreve-se numa cidade num território. Toma, entretanto, formas móveis e torna-se parada e movimento, como a Tecnoparada, a Parada do Orgulho *Gay* ou os famosos desfiles da companhia *Royal de Luxe*. Ele adota, com cada vez mais frequência, formas mistas em que o nomadismo se convida para a cidade;

– Consumido ou participativo. Ele pode ser participativo e envolver amplamente a população em sua organização ou pode não ser mais que um simples momento de espetáculos e consumo puro;

– Construído de baixo ou imposto de cima. O evento festivo constrói-se, mais frequentemente, do nível local ao internacional, do território à cena midiática. Às vezes, o sentido muda da cena midiática “aterritorial” ao território – Teleton – e da memória nacional ao enraizamento territorial, como nos festivais do 14 de julho;

– Lúdico ou solene. O aspecto lúdico está comumente presente no jogo com a cidade, seus prédios ou suas populações;

– Mestiço ou em clivagem. O evento festivo é frequentemente reivindicado como motor da mistura, do elo social, mas também pode, às vezes, concernir às populações específicas convidadas a “agrupar-se” e distinguir-se.

O evento festivo extraordinário segue três tendências bem marcadas que podem, às vezes, retocar-se e gerar reações diversas e adaptadas do sistema territorial, que vão da adesão à rejeição pura e simples: evento territorializado, com intenção “ritualista”, com inserção perene nos calendários locais e extra-locais; evento territorializado, com intenção “ubiquista e sincronizadora” (*Fête de la musique, Fête des voisins...*); e, enfim, evento com intenção “colonizadora” por invasão do espaço local e vontade de difusão universal (*marché de Noël...*) (GWIAZDZINSKI, 2007b).

Alguns tipos de eventos escapam a essas primeiras tentativas de classificação do evento festivo urbano extraordinário: a festa espontânea, como pela vitória da equipe francesa de futebol em 1998; a manifestação política; o agrupamento revolucionário; o *show*; as formas quase instantâneas, como os “*flash mob*”<sup>3</sup>, por exemplo; mas também, de certa maneira, as violências ritualizadas, como os incêndios de veículos observados em algumas cidades durante o Ano Novo.

O evento festivo extraordinário, esse objeto híbrido e fractal do qual tentamos fazer um retrato inicial, não tem, pois, muita coisa a ver com a ideia de festa como combate desenvolvida especialmente por H. Bey (1997) ao redor do conceito de TAZ<sup>4</sup> (Zona Autônoma Temporária), por meio do qual ele afirma que o direito de lutar pelo direito à festa não é uma paródia da luta radical, mas uma nova manifestação desta. Ele é particularmente pertinente para as *raves* e *free parties* que invadiram o campo ou os espaços abandonados da cidade com aglomerações de pessoas em que o som é essencial.

O evento festivo extraordinário permanece, contudo, um tempo de parada excepcional que oferece ao cidadão uma possibilidade de reapropriação do tempo e do espaço, seu tempo pessoal e seu espaço, mas também o tempo e o espaço da cidade. É um encontro com a cidade e com os outros fora dos constrangimentos espaciais e temporais do cotidiano. É um espaço-tempo

---

<sup>3</sup> Agrupamento de pessoas num local público para realizar ações previamente combinadas – geralmente por Internet –, tendo como característica a dispersão rápida após a realização da ação. (N. T.)

<sup>4</sup> TAZ – Temporary Autonomous Zone da sigla em inglês. (N. T.)

livre ou regido por outras regras que não aquelas habituais, um território onde se pode ultrapassar os limites. É um momento lúdico, uma recreação, um jogo no sentido definido por Roger Caillot (1967):

[...] o jogo pode consistir não em realizar uma atividade ou submeter-se a um destino num meio imaginário, mas em tornar-se um próprio personagem ilusório e em conduzir-se em consequência. Encontra-se, então, em face de uma série variada de manifestações que têm como caractere comum o fato de que o sujeito brinca de crer, de se fazer crer ou de fazer crerem os outros que ele é outro que não ele mesmo.

## RISCOS

O desenvolvimento rápido da oferta em termos de eventos festivos não é isento de riscos. Num sistema de oferta com rápida rotação, o evento festivo nem sempre tem o tempo de afirmar-se. Nada é adquirido. “*Fast culture*”, “*fast territory*”, a cultura territorializada, enraizada no território, é consumida e desprezada como resto, vítima do *diktat*<sup>5</sup> da moda e das tendências. O que era *in* ontem é *out* hoje e o ritmo acelera-se. Existe igualmente um risco de usura e overdose. Se o evento festivo não se renova, ele pode desaparecer. Os riscos de o território tornar-se *démodé*<sup>6</sup> não devem ser ignorados e têm de ser postos em relação com os efeitos esperados em termos de valorização temporária, impacto econômico e midiático. O risco de padronização existe. O fenômeno de copiar-colar festivo tange a outros eventos urbanos: animações de rua, reuniões de patinadores, piqueniques, orgulho *gay*, que invadem as artérias das grandes metrópoles desde os primeiros raios de sol. Os grandes eventos, animações, espetáculos são plagiados, banalizados antes de serem rejeitados: feira de Natal, cinema ao ar livre ou noite das artes. A mercantilização extrema do evento pode, de igual modo, levar ao desinteresse progressivo dos participantes. A passagem do cidadão do papel de ator do evento ao de simples espectador pode igualmente ter consequências sobre a natureza do evento e sua perenidade. Os conflitos que se multiplicam entre os atores da cidade festiva e os atores encarnando tensões entre os indivíduos, grupos, bairros da cidade policrônica podem fragilizar certos eventos, como é o caso dos problemas de consumo de álcool e entorpecentes. A própria natureza do “evento” pode ser alterada pela

<sup>5</sup> Germanismo no original: ditado. (N. T.)

<sup>6</sup> *Ringardisation*, no original. (N. T.)

ausência do aleatório, da surpresa e da sorte. Não é óbvio que ainda se possa falar de evento quando este se inscreve num calendário muito preciso, num sistema espaciotemporal de rotação rápida, em que a competição entre territórios é cada vez mais exacerbada. No extremo, a fascinação atual pelo festivo conduz, nos nossos dias, à confusão da festa com o quotidiano e, nesse caso, a festa torna-se o quotidiano, perdendo assim a quintessência de momento de ruptura da vida rotineira.

A festa, ou antes o evento festivo, é apenas um espaço-tempo particular da cidade, um espaço-tempo em que se exacerbam os problemas e os potenciais. Os desafios que espera a festa são os mesmos que espera o conjunto da sociedade. Nisso a festa, espaço-tempo efêmero e cíclico, parêntese no encadeamento urbano, é também um posto avançado, um território no qual é possível retirar alguns sinais fracos, mas também um espaço-tempo a partir do qual se pode pensar e imaginar a cidade de amanhã.

### UM ESPELHO E LABORATÓRIO DA CIDADE

A festa é um espelho de numerosos *enjeux* contemporâneos e desafios com os quais é confrontada a sociedade, mas tem também nela mesma uma resposta.

O primeiro desafio é, sem dúvida, aquele da complexidade. A multiplicação dos eventos festivos obriga, antes de tudo, a evidenciar e administrar certo número de contradições: encantar sem sobrecarregar, ritualizar sem perder a espontaneidade, organizar sem “mercantilizar”, buscar mesclar os públicos sem, para tanto, “puxar a qualidade para baixo”. A festa obriga-nos a pensar as coisas no sentido da complementaridade e não da oposição, da complexidade e de maneira binária e setorial. Podem-se desenvolver simultaneamente as tecnologias e o sentido do humano, do ético e do ecológico, pensar a mundialização e o desenvolvimento local, conciliar o social, o econômico, o meio ambiente e a cultura em abordagens dialéticas. Um não exclui o outro, ao contrário. “Uma sociedade parece definir-se menos por suas contradições que por suas linhas de fuga, [suas escapadas, as autonomias que ela autoriza]”, propôs Gilles Deleuze (2003).

Outro desafio é aquele do ser conjunto e do coletivo numa “sociedade líquida” (BAUMAN, 2000) em que tudo é móvel, flutuante e negócio individual, e num “presente líquido” (BAUMAN, 2007), orientado ao culto do efêmero e dos projetos em curto prazo. Ele é posto no espaço-tempo efêmero da festa e pela festa. A questão é saber se as pessoas vão voltar-se para suas comunidades culturais,

religiosas ou étnicas ou se vão escolher enraizar-se num novo universalismo, em torno da nação, da solidariedade, do laicismo e da República. Trata-se de responder às dificuldades de “fazer território”, cidade, organização ou família. Mais do que a identidade estanque, é o pertencimento renegociado que deve poder reunir. Espaço-tempo efêmero e cíclico, a festa é um lugar dessas novas montagens.

O terceiro desafio é aquele da hibridação. Deve-se aprender a abordar a polivalência e a hibridação dos lugares, dos tempos, das organizações. Há a precisão e a necessidade de criar alianças e montar projetos em colaboração, de coelaborar e coconstruir em todas as escalas (GWIAZDZINSKI, 2009c).

O quarto desafio é o da inovação aberta e da serendipidade, isto é, o fato de realizar uma descoberta inesperada no decorrer de uma pesquisa. Numa sociedade cada vez mais racionalizada, a criatividade e a sorte estão cada vez mais ligadas. A criação artística e a festa são lugares e tempos favoráveis ao desenvolvimento dessa competência e desse dom numa lógica de plataforma de inovação aberta. Trata-se especialmente de aprender a “administrar as virtualidades do espaço urbano na era da sociedade dos indivíduos” (LÉVY, 2009).

O quinto desafio é o do belo, aquele que consiste em cuidar de nossos ambientes – urbanos principalmente – há muito desenvolvidos numa lógica funcionalista. A festa é bela.

O último desafio é o do tempo. Trata-se de inaugurar uma reflexão cruzando o tempo, os sistemas produtivos e o espaço, que permite uma abordagem mais equilibrada e mais leve do desenvolvimento e da democracia e a invenção de uma nova urbanidade. A ocasião é de reconquistar as margens de manobra ao redor de noções como qualidade de vida ou desenvolvimento sustentável<sup>7</sup>. A festa convida-nos a isso.

## UM TESTE DE VIDA

A festa urbana é um formidável laboratório da cidade, ao mesmo tempo revelador e teste. O evento festivo permite trabalhar na melhoria do conforto, na ergonomia do espaço público de um bairro e no melhoramento do mobiliário urbano. A festa traz igualmente uma resposta *in vivo* à abordagem da segurança da cidade por meio da ocupação, ainda que temporária, do espaço público, especialmente à noite, numa lógica de regulação social natural. Ela é afirmada

<sup>7</sup> Durável no original. (N. T.)

como tal pelos diferentes parceiros. O evento festivo permite testar soluções em matéria de transporte, iluminação ou tranquilidade pública, por exemplo. Festivo, o evento torna-se ocasião de experimentar a grandeza real dos transportes em horários alterados – como para as *Nuits blanches* em Paris ou as *Night art* em Helsinki –, das novas iluminações – como em Turim ou Lyon para a festa das luzes – ou dos dispositivos de segurança adaptados à gestão das multidões. Em sua elaboração complexa, ele permite o estabelecimento de parcerias abertas ou mesmo a construção de uma inteligência territorial. Além disso, a festa traz a capacidade, para os homens hoje, de mudar a roupa e propõe um novo olhar e uma nova relação com o corpo, os sentidos e a emoção.

### TRANSFERÊNCIAS AO QUOTIDIANO URBANO

Além dos transportes e das experimentações, a festa – por seu caractere efêmero, cíclico, por sua capacidade de metamorfosear a cidade inteira ou parte dela, de redesenhar os percursos, as localizações, as centralidades – constitui um posto avançado de consideração do tempo e dos ritmos na observação e no ordenamento das cidades, uma “ritmanálise” cujos desafios, dificuldades e possibilidades Henri Lefebvre (1996) havia avaliado. A riqueza da relação festa-cidade permite repensar diferentemente as relações da cidade e de seus usuários com os tempos e os espaços, passando do eventual ao ordinário, do excepcional ao cotidiano. Interessar-se à articulação da cidade com a festa obriga repensar o sistema urbano em termos de fluxos mais que de estoques, de tempo mais que de espaço, de temporário mais que de definitivo. Pensar o evento festivo permite passar de uma abordagem essencialmente espacial da cidade a uma abordagem cronotópica em que o “cronótopo” é definido como “lugar de confluência da dimensão espacial e da dimensão temporal” (GWIAZDZINSKI, 2007b). Ela permite a utilização de uma abordagem cronotópica da cidade e dos territórios que cruza os espaços e os tempos com uma ecologia temporal que integra as dimensões temporais sensíveis e o conforto urbano. A festa revela a importância das dimensões temporais e sensíveis da cidade e a importância de um urbanismo e de um ordenamento<sup>8</sup> que integrem essas dimensões essenciais.

A festa permite refletir sobre um “urbanismo dos tempos” e imaginar cidades mais humanas, acessíveis e hospitaleiras. A partir da observação multiesca-

---

<sup>8</sup> *Aménagement* no original. (N. T.)

lar dessa “dança da cidade”, propomos a passagem da noção de evento festivo, de “calendário” ou mesmo de “urbanismo eventual”, que assume a gestão dos calendários, àquela mais ampla e operacional de “urbanismo dos tempos”, definido como “conjunto dos planos, organizações dos horários e ações coerentes no espaço e no tempo, que permitem a organização ótima das funções técnicas, sociais e estéticas da cidade para uma metrópole mais humana, acessível e hospitaleira” (GWIAZDZINSKI, 2007b).

Do mesmo modo, a festa obriga a pensar as qualidades, o conforto e a hospitalidade dos espaços públicos, sua ergonomia e hospitalidade ao redor de um “urbanismo dos sentidos”. O desenvolvimento e a diversificação dos eventos urbanos, a mistura das populações associadas, os tempos específicos de uso dos espaços públicos e, especialmente, o período noturno obrigam os organizadores a inovar e a adaptar-se às condições particulares. Isso permite entender as necessidades no espaço e no tempo e imaginar alguns princípios ou regras para um urbanismo sensível e para cidades mais “urbanas”: a hospitalidade dos espaços públicos, dos meios de transporte e do mobiliário urbano; a informação diante de um território mal apreendido; a qualidade face a um ambiente difícil; a igualdade face às demasiadas disparidades entre centro e periferia, indivíduos ou grupos sociais; a sensibilidade; a variedade face aos riscos de banalização; o inesperado pela invenção; a alternância entre sombra e luz face aos riscos de homogeneização; a segurança pelo crescimento do espetáculo urbano e da presença humana mais do que pelas tecnologias da segurança e pelo encantamento pela invenção (GWIAZDZINSKI, 2007b). A convocação dos sentidos e dos artistas para a festa recoloca igualmente a estética e o sentido do “belo” no coração da fábrica urbana.

Ademais, ela permite refletir sobre a figura da cidade maleável (GWIAZDZINSKI, 2007a), com a polivalência e a característica modular dos espaços e dos edifícios segundo os momentos do dia ou da semana no âmbito de uma reflexão sobre a cidade sustentável<sup>9</sup> que visa a limitar o consumo do espaço.

Complexidade, hibridação, coesão, serendipidade, beleza e tempo, o evento festivo extraordinário aclara, num novo dia, alguns desafios que se colocam para a cidade comum, mas também para aquelas e aqueles, geógrafos e urbanistas que estão por construir suas representações e seus futuros possíveis.

<sup>9</sup> Durável no original. (N. T.)



Face à explosão dos tempos, dos espaços e das organizações da metrópole pós-moderna, diante das tensões ligadas à ditadura da urgência e ao tempo em contínuo da economia e das redes, formulamos a hipótese do evento festivo extraordinário – espaço-tempo coletivo vivido, efêmero e cíclico – como “resposta periódica e temporária” possível à necessidade de reencontro, coesão, identidade, urbanidade, mas também como momento de descontração, de encantamento, de alegria e prazer, lugar temporário de rearticulação do lá e do aqui, do “eu” e do “nós”, do local e do global, de si e do outro... do encantamento desejado e da anarquia consentida.

Numa abordagem espaciotemporal da metrópole, propomos abordar o evento festivo extraordinário como uma “plataforma de urbanidade” possível, com intensidade, periodicidade, escalas e localização variáveis. Ao propor uma figura temporária de mobilização, um rito territorializado num ambiente instável, permite-se aos indivíduos suportar a explosão e as tensões quotidianas e, à metrópole, conservar sua coesão, guardar o fio para tecer certa continuidade, reforçar sua qualidade de vida e atração num contexto de competição territorial exacerbada.

Finalmente, esboçamos a figura da “cidade por intermitência” para abordar a complexidade da metrópole na qual se inscreve o evento festivo extraordinário. Resta-nos aprender, do modo mais preciso, os motores, contornos, as formas e a durabilidade em diferentes escalas espaciais e temporais, do evento ao quotidiano urbano.

## CONCLUSÃO

Malgrado ou diante da explosão pós-moderna, a festa oferece a possibilidade de uma cidade através do encontro temporário, da reunião, da convivialidade e do prazer. A festa reúne-se com as cidades: reunião da cidade sustentável, da cidade criativa, da cidade maleável, humana, sensível, acessível e hospitaleira. O evento festivo é um possível laboratório urbano, uma plataforma de inovação aberta para imaginar uma nova maneira de habitar o espaço e o tempo, novas maneiras de abordar a questão da fábrica urbana. Ela ajuda a pensar diferentemente os espaços, os tempos e as populações da cidade de amanhã. Passando do extraordinário ao ordinário, do excepcional ao quotidiano, ela pode irrigar as práticas urbanas. Para além de si mesma, de seus motores e efeitos, a festa obriga-nos a pensar o efêmero e o móvel e permite-nos abrir de outro

modo os canteiros fecundos da cidade e dos tempos. Ela abre seus canteiros de um novo urbanismo temporal e de um urbanismo sensível que se ocupa dos espaços e dos tempos quotidianos. Ela oferece a possibilidade de uma cidade acalmada e aumentada e convida-nos a habitar o tempo.

Recebido em: 01/03/2011

Aceito em: 19/04/2011

## BIBLIOGRAPHIE/BIBLIOGRAFIA

- AUBERT, Nicole. La société hypermoderne, ruptures et contradictions. *Revue du Changement social*, n. 15, 131 p. , juin., 2010.
- BEY, Hakim. *TAZ, Zone autonome temporaire*. Paris: L'Eclat, 1997.
- BAUMAN, Zygmunt. *Liquid Modernity*. Cambridge: Polity Press, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Le présent liquide: peurs et obsession sécuritaire*. Paris: Seuil, 2007.
- BONFIGLIOLI, Sandra. Le politiche dei tempi urbani. *Urbanistica Quaderni*, Collona dell'istituto nazionale di urbanistica, Anno III, 1997.
- CAILLOT, Roger. *Les Jeux et les hommes*. Paris: Gallimard, 1967.
- CHATTERTON, Paul; HOLLANDS, Robert. *Urban Nighscapes: Youth Cultures, Pleasure Spaces and Corporate Power*. London: Routledge, 2003.
- CHAUDOIR, Philippe. La Ville événementielle: temps de l'éphémère et espace festif. *Géocarrefour*, Lyon, v. 82, n. 3, 2007. Disponible sur: <<http://geocarrefour.revues.org/index2301.html>>. Accédé le: 26 mars 2008.
- CHAUDOIR, Philippe; OSTROWETSKY, S. L'Espace festif et son public. Lieux culturels, *Les Annales de la recherche urbaine urbaine*, n. 70, p. 79-88, mars. 1996.
- CLAVAL, Paul. *La Géographie culturelle*. Paris: Nathan Université, 1995.
- DEBORD, Guy. *La Société du spectacle*. Paris: Gallimard, 1967.
- DELEUZE, Giles. *Pourparlers*. Paris: Editions de Minuit, 2003.
- DELEUZE, Giles; GUATTARI, Félix. *Mille plateaux: capitalisme et schizophrénie*. Paris: Les Éditions de minuit, 1980. v. 2.
- DEVISME, Laurent; DUMONT, Marc. *Les métamorphoses du marketing urbain. EspacesTemps.net*, Lausanne. Disponible sur: <<http://espacestemp.net/document1831.html>>. Accédé le: 04 février 2006.
- DI MEO, Guy (Dir.) *La Géographie en fêtes*. Paris/Gap: Éditions Ophrys, 2001a.
- \_\_\_\_\_. Le sens géographique des fêtes. *Annales de la géographie*, Paris, n. 622, p. 624-646, nov./déc., 2001b.
- \_\_\_\_\_. (Dir.). Le renouveau des fêtes et des festivals. *Annales de la géographie*, Paris, n. 63, 227 p. , 2005.
- ECO, Umberto. *La guerre du faux*. Paris: Grasset, 1985.
- EHRENBERG, Alain. *La fatigue d'être soi*. Paris: Éditions Odile Jacob, 1998.
- FLORIDA, Richard. *The Rise of the Creative Class: And How it's Transforming Work, Leisure, Community and Everyday Life*. New York: Basic Books, 2002.
- GRAVARI-BARBAS, Maria. La ville modelée par l'événement ou «l'Avignon du festival»: marquage territorial d'un événement culturel. In: *Géographie et liberté: hommage au professeur Claval*. Paris: L'Harmattan, 1999. p. 387-402.
- \_\_\_\_\_. Iconicité et banalité: l'intégration des architectures iconiques contemporaines dans le tissu urbain. In: BOULANGER, Philippe; HULLO-POUYAT, Céline (Éd.). *Espaces urbains à l'aube du XXI<sup>ème</sup> siècle*. Paris: Presses Universitaires Paris-Sorbonne, 2010. p. 87-108.
- GWIAZDZINSKI, Luc. En finir avec la dialectique centre-périphérie. *Transeuropéennes*, Université Marc Bloch, n. 21, 1997.

- \_\_\_\_\_. *La ville, la nuit : un milieu à conquérir*. L'Espace géographique des villes. Paris: Anthropos, 1998.
- \_\_\_\_\_. La nuit dernière frontière. *Les annales de la recherche urbaine*, Paris, n. 87, p. 81-88, 2000.
- \_\_\_\_\_. Le temps a rendez-vous avec l'espace. In: RENCONTRES DE L'URBANISME—Espaces, temps, modes de vie, nouvelles cohérences urbaines, 22<sup>e</sup>, 2001. *Actes...* Paris: Fédération Nationale des Agences d'Urbanisme, 2001.
- \_\_\_\_\_. Sous l'Empire du nyctémère : aménager la nuit urbaine. *Le Monde*, Paris, 6 octobre, 2002a.
- \_\_\_\_\_. Le nouveau mariage de l'espace et du temps. In: CERTU. *Nouveaux rythmes de travail et ville de demain: paroles d'acteurs*. Paris: Centre d'études sur les réseaux, les transports, l'urbanisme et les constructions publiques, 2002b.
- \_\_\_\_\_. *La ville 24h/24*. Editions de l'Aube, 2003.
- \_\_\_\_\_. Pour une ville en mouvement. *Mouvement* – Revue interdisciplinaire des arts vivants, n. 23, juillet/août 2003.
- \_\_\_\_\_. *La Nuit dernière frontière de la ville*. Editions de l'Aube, 2005.
- \_\_\_\_\_. Le mouvement plutôt que l'aménagement. *Culture publique, opus 2, Les visibles manifestes*. Paris: Éditions (mouvement) SKITe. sens&tonka, 2005.
- \_\_\_\_\_. Chemins de traverse. La ville dans tous ses sens. In: LE FLOCH, Maud (Éd.). *Un élu, un artiste: 17 rencontres itinérantes pour une approche sensible de la ville*. Montpellier: Éditions l'entretemps, 2006. p. 235-244.
- \_\_\_\_\_. Des villes malléables. In: LAYET, Maxence; BULTEZ ADAMS, Philippe; KAPLAN, Frédéric (Dir.). *Futur 2.0: comprendre les 20 prochaines années*. Limoges: FYP Éditions/Futuroscope, 2007a.
- \_\_\_\_\_. Redistribution des cartes dans la ville malléable. *Espace, populations, sociétés*, n. 2-3, p. 397-410, 2007b.
- \_\_\_\_\_ et al (Dir.). *Nuits d'Europe: pour des villes accessibles et hospitalières*. Chamonix-Mont-Blanc: UTMB Éditions, 2007c.
- \_\_\_\_\_. Chronotopies. L'événementiel et l'éphémère dans la ville des 24 heures. *Bulletin de l'Association des Géographes Français*, Paris, v. 86, n. 3, 2009a.
- \_\_\_\_\_. Pour une mise en tourisme des nuits urbaines. *Cahier Espaces*, n. 103, p. 44-56, nov. 2009b.
- \_\_\_\_\_. Éloge du partage. Co-concevoir, co-habiter, co-développer, co-véhiculer, co-décider, (...). *Introduction au 4e IDEAs Day*, Partage(s), énergie, mobilité, habitat, 4e IDEAs Day, Minatec – IdeasLaboratory® Minatec, Maison des Micro et Nano Technologies, Grenoble 7, oct 2009c.
- HEMINGWAY, Ernest. *Paris est une fête*. Paris: Gallimard, 1964.
- ILLICH, Ivan. *La convivialité*. Paris: Points Essais, 1975.
- LAJARGE, Romain. Des parcs sans jardin et des récréatifs sans touristes. *Revue Pour*, Paris, n. 191, p. 42-46, set. 2006.
- LE FLOCH, J.; GWIAZDZINSKI, Luc. Introduction au colloque sur la Ville foraine. Pôle des arts urbains, Tours, 2006. Disponible sur: <<http://www.polau.org>>.
- LANDRY, Charles ; BIANCHINI, Franco. *The Creative City*. London: Demos, 1995.

LE GOFF, Jacques; LEFORT, Jean; MANE, Perrine. *Les calendriers*. Leurs enjeux dans l'espace et le temps. Paris: Editions Somogy, 2002.

LEFEBVRE, Henri. *Éléments de rythmanalyse*: introduction à la connaissance des rythmes. Paris: Syllepse, 1996.

LEFORT, Isabelle. Ville, urbanisme et tourisme. *Cahier Espaces*, n. 104, mars. 2010.

LÉVY, Jacques. Atelier Villes et sérendipité. In: COLLOQUE LA SÉRENDIPITÉ DANS LES SCIENCES, LES ARTS ET LA DÉCISION, 1<sup>er</sup>, Cerisy-la-Salle, 25 jui. 2009. *Actes...* Cerisy-la-Salle: Centre Culturel International de Cerisy-La-Salle, 2009.

LEXTRAIT, Fabrice. *Friches, laboratoires, fabriques, squats, projets pluridisciplinaires...*: une nouvelle époque de l'action culturelle. Paris: Ministère de la Culture, 2001. Disponible sur : <<http://www.culture.gouv.fr/culture/actualites>>.

LIPOVETSKY, Gilles. *Les temps hypermodernes*. Paris: Grasset, 2004.

MASBOUNGI, Ariella.; GRAVELAINE, Frédéric de. *Gênes*: penser la ville par les grands Événements. Paris: Editions de la Villette, 2004.

MAFFESSOLI, Michel. *L'Ombre de Dionisos*: contribution à une sociologie de l'orgie. Paris: Librairie des méridiens, 1985.

MALDINEY, Henri. La rencontre et le lieu. In: YOUNES, Chris (Dir.). *Henry Maldiney*: Philosophie, art et existence. La nuit surveillée. Paris: Les éditions du cerf, 2007.

MURAY, Philippe. *Après l'Histoire*. Paris: Les Belles Lettres, 1999.

\_\_\_\_\_. *Festivus, festivus*. Paris: Fayard, 2005.

PEREC, Georges. *Espèces d'espaces*. Paris: Galilée, 1974.

PRADEL, Benjamim. Mettre en scène et mettre en intrigue : un urbanisme festif des espaces publics. *Géocarrefour*, Lyon, v. 82, n. 3, p. 123-130, 2007.

SENNETT, Richard. *La Ville à vue d'œil*: urbanisme et société. Paris: Plon, 1992.

VIVANT, Elsa. *Qu'est-ce que la ville créative?* Paris: PUF, 2009.

YOUNES, Chris (Dir.). *Henry Maldiney*: philosophie, art et existence. Paris: Les éditions du cerf, 2007.